

Projeto de organização da Família dos Irmãos escandinavos. Projeto de uma organização secreta internacional

*Mikhail Bakunin. Outubro de 1864.
Estocolmo, Suécia. Kunliga Biblioteket.*

PROJETO DE UMA ORGANIZAÇÃO SECRETA INTERNACIONAL

Proudhon, que não é, de forma alguma, um conspirador, disse, numa de suas obras mais notáveis obras (“Da Justiça na Revolução e na Igreja” – Edição belga), que se houvesse, na Europa, apenas 100 [homens]¹, verdadeira e completamente penetrados pela ideia revolucionária, e que se dessem a mão por uma ação em comum, devidamente organizada, o triunfo da Revolução estaria garantido no mundo. Creio eu, caro amigo, que há na Europa muito mais de 100 homens que pensam, que sentem e que querem o mesmo que nós, mas cada um de nós, permanecendo sequestrado em si mesmo e ignorando todos os outros, fica, por isto mesmo, reduzido a uma triste e vergonhosa impotência. O que aconteceria se nos procurássemos, se tratássemos de nos reconhecer, e se nos déssemos, todos, efetivamente, as mãos, para a realização em comum desta² grande obra? Porém, tendo a revolução como meta, só podemos, naturalmente, procurar-nos em segredo, via uma conspiração, para reunir toda Europa numa Confraternidade³ internacional secreta e revolucionária.

Tal é o nosso objetivo, também. Já fundamos esta Confraternidade in-

1 NT: Cem indivíduos, claramente. Escrito em algarismos no original.

2 NT: No original, “pour cette”, “por esta”, ficando a frase desconexa.

3 NT: Este termo, tanto em português como em francês (“confraternité”), significando “Boas relações entre confrades”, não equivale, portanto, a “confraria” (“confrérie”), a não ser por uma possível extrapolação.

ternacional e contamos em nossa família alguns italianos, franceses, espanhóis, suíços, belgas, ingleses, poloneses e russos; procuramos alemães, e esperamos que o senhor queira ser, entre nós, o primeiro escandinavo.

Antes de lhe apresentar o Programa provisoriamente decidido numa conferência dos Irmãos fundadores, entrarei em alguns esclarecimentos que considero necessários, para responder a certos receios cuja expressão ouvi várias vezes, e para evitar qualquer mal-entendido.

Antes de o senhor se tornar inteiramente um dos nossos, não posso citar-lhe os membros de nossa associação. E, mesmo se eu os citasse, não serviria para muita coisa, porque a maior parte destes nomes é desconhecida para o senhor. Temos, sim, entre nós, alguns homens unanimemente respeitados e conhecidos na Europa, mas, no geral, evitamos, mais do que procuramos, os nomes famosos. A maioria destes homens tem um passado que os liga entre eles, e que lhes trazia⁴ uma espécie de amor-próprio de posição, coloca-os quase sempre como chefes de partido. Tendo, inicialmente, desempenhado um papel mais ou menos considerável nos movimentos anteriores, e não tendo tido sucesso, deveriam convir que, afora as circunstâncias desfavoráveis, houve, necessariamente, algum defeito, ou em suas ideias, ou no conjunto de seus atos. Eis o que quase nunca querem admitir, e, obstinando-se vaidosamente em seus erros, eles levam, na maioria das vezes, os seus partidos a estes mesmos erros. Eles consentem raramente em admitir-se vencidos, e persistem nas vias que uma triste experiência deveria fazê-los rejeitar. Resulta disto, quase sempre, em seus espíritos e nas esperanças de seus partidos, uma arbitrária e falsa apreciação da realidade, uma espécie de fantasmagoria complacente, ilusória, mortal para a eficácia de uma ação política. Por exemplo, entre os poloneses, que desempenharam um papel marcante na última insurreição, há homens de inteligência e de grande caráter, mas só podemos aceitar um número muito pequeno dentre eles. Devemos, absolutamente, rejeitar todos aqueles – por mais enérgicos, dedicados e inteligentes que sejam – todos aqueles que pretendem continuar este movimento asfixiado no sangue, que ainda falam de um Governo nacional polonês, e que, tendo exercido cargos consideráveis e até realizado, em suas funções do ano passado, grandes serviços, não podem e não querem aceitar esta brusca transição de sua importância de ontem – muito útil e muito real à sua nulidade ainda mais real de hoje – e que não entendem que quem quiser libertar a Polônia hoje deve começar um trabalho totalmente novo, em bases completamente diferentes. Em geral, não podemos receber, entre nossos irmãos, conspiradores de fôlego curto, cuja impaciência

4 NT: No original, o verbo também está no passado: “(...) et qui leur faisait une sorte d’amour propre”).

desejaria forçar os acontecimentos, e que, sempre vivendo de ilusões, amando muito mais as revoluções pelas emoções dramáticas e pelo barulho que produzem do que pelas mudanças salutaras que devem trazer, imaginam sempre que farão uma de hoje para amanhã, e preparam-se sempre para a próxima primavera. As tristes lições da experiência diminuíram consideravelmente o número destes homens na França, mas ainda há muitos deles entre os húngaros, os poloneses e os italianos. A revolução no continente da Europa é iminente, é verdade. A violência da reação é uma prova a mais disto. É indubitável, também, que certas circunstâncias podem apressar os acontecimentos, e sem dúvida não somos nós que os vamos parar... E Deus sabe, entretanto, se não faríamos bem em retardá-los, se tivéssemos esta potência? Pois, o fato de uma revolução ser iminente não quer dizer, ainda, que esta triunfará absolutamente; todo mundo sentiu a iminência da revolução polonesa, e, no entanto, ela sucumbiu. E devemos admitir que, exceto a grande revolução de 1793, todas as revoluções parciais que a seguiram, se não sucumbiram, pelo menos abortaram. E é preciso admitir que o triunfo da revolução tornou-se mais difícil, hoje, do que antigamente, e isto por duas razões: primeiro porque a reação, instruída pelo passado e tendo a força de dois precedentes vitoriosos, o de Napoleão III na França e o de Alexandre II na Polônia, não irá mais se conter frente à legalidade, nem frente à humanidade. Para triunfar, sabendo que a destruição mais radical a espera em caso de derrota, fará uso dos meios mais infames, mais terríveis, fará uso do massacre em massa, se necessário for. Continuando: como eu disse, no início deste escrito, a reação está de orelha em pé – agora será difícil surpreendê-la, sempre desperta, amedrontada, está sempre pronta a nos receber – e, além disso, ela forma, hoje, na Europa, uma aliança formidável, frente à qual ainda nos encontramos inteiramente desorganizados. Quantas chances contra nós e a favor dela! Será, portanto, um dos primeiros deveres de nosso poder Central⁵, quando tivermos constituído um, o de retardar, de um lado, a ação dos partidos e países impacientes demais, e de apressar, de outro lado, o quanto for possível, o andar preguiçoso dos retardatários, a fim de poder opor, ao campo perfeitamente organizado da reação, um campo um pouco organizado da Revolução. É verdade que temos para nós a potência incomensurável do espírito, e que cedo ou tarde o espírito deve, sempre, triunfar. Mas seu triunfo, como tudo neste mundo, está sujeito a condições; e a primeira destas condições é que ele crie e organize suas forças de ação material; e a segunda, talvez ainda mais importante que a primeira, é que ele não traia sua própria causa através de concessões vergonhosas e pretensamente práticas; é que ele permaneça fiel a si mesmo.

5 NT: “Notre pouvoir Central”, no original.

Por conseguinte, devemos rejeitar absolutamente de nossa família todos aqueles que, sob pretexto de somar uma força nova à sua ação, ou de libertar mais rápido sua pátria do domínio estrangeiro, se aliam, mesmo que excepcionalmente e apenas por um tempo determinado, com os reis, os governos estabelecidos; e principalmente aqueles que, deixando-se levar por uma confiança tão funesta quanto absurda, nas pretensas simpatias, voluntárias ou forçadas, do Imperador Napoleão III, pelo direito das nacionalidades oprimidas, relacionam-se direta ou indiretamente com ele. Preciso provar-lhe que estes loucos incorrigíveis traem, sem dúvida sem querer, suas próprias causas, seus partidos e suas pátrias para o maior traidor dos tempos modernos, para o homem mais perigoso para a liberdade da Europa e, por conseguinte, também para a liberdade de cada país em particular? O senhor tem o exemplo da Polônia, da Dinamarca, da Hungria, da Itália – pois, tenha certeza, e nenhum italiano patriota se engana quanto a isto, a última convenção franco-italiana tem por objetivo último não o desenvolvimento, mas a morte da liberdade e, por conseguinte, da verdadeira potência italiana também.

Não digo que nunca devemos aproveitar, não das simpatias – que não existem e não podem existir – mas de certas necessidades de posição, que poderiam forçar tanto Napoleão III como nossos outros inimigos coroados a fazer alguns passos involuntários numa direção que nos pode ser útil. Por exemplo, não acho que tudo seja ruim na convenção franco-italiana, e que pode haver alguns pontos que, pela força das coisas, contrariamente à vontade de Napoleão e de Vitor Emanuel, podem, sob certas condições, favorecer a causa da emancipação italiana. Tudo o que é contra a Áustria e contra o Papa não poderia ser absolutamente mau. Da mesma forma, Napoleão, que traiu a Dinamarca, por achar útil para si próprio favorecer as invasões da Prússia, poderia, agora, ainda para servir seus próprios interesses, virar-se contra a Prússia, a favor da Dinamarca. Ele também achou por bem abandonar a Polônia, mas, levado por um novo interesse, pode retomar a causa desta. E nós devemos, sem dúvida, aproveitar de tudo. Mas, ao mesmo tempo em que faço esta concessão à prática, apresso-me a acrescentar que esta via é bem perigosa para nós, e que precisaremos de muita prudência e de muita esperteza, e principalmente de uma organização que seja bem real e bem forte, para que tal via não nos leve a consequências funestas. É, sem dúvida, uma grande felicidade, para nós, que as diferenças reais e os interesses, frequentemente inconciliáveis, que separam hoje os Estados, não lhes permitam estabelecer entre si uma amizade absoluta, e que se vejam forçados, às vezes, a guerrear entre si. Mas não esqueçamos que todos já entendem que, afora suas inimizades mútuas, eles têm um inimigo mais perigoso a combater; é a revolução, somos nós. E que, assim que nós nos mexermos e ameaçarmos nos tornar uma potência real, todos esquecerão suas

brigas intestinas para voltar-se contra nós. Não esqueçamos que um instinto de conservação, desenvolvido pela experiência destes últimos trinta anos, recomenda-lhes nunca fazer uso – até mesmo em meio dos maiores perigos com os quais uma invasão estrangeira os possa ameaçar – da organização das Forças nacionais populares. Você teve um exemplo memorável na França, na ocasião da queda de Napoleão 1º. Você teve outro exemplo, ultimamente, na Dinamarca. Vitor Emanuel nunca quis consentir e jamais consentirá com o armamento nacional, que é a única coisa que pode proteger a Itália tanto da invasão da Áustria quanto da proteção de Napoleão III. Não esqueçamos, também, que o Imperador atual da França estudou profundamente a arte de perturbar a paz na Europa, de modo que os problemas causados por sua ambição dinástica não servem nunca a fazer avançar, mas, ao contrário, a fazer regredir, em todo lugar, na medida do possível, a causa da emancipação popular. O exemplo da Itália moderna deveria servir de aviso a todas as nações. Pois bem, o que é mais surpreendente é este exemplo que muitas pessoas, e, principalmente, muitos suecos, citam como prova do liberalismo e das disposições sinceras de Napoleão III pela causa das nacionalidades oprimidas. Ora, o senhor acredita seriamente que, ao declarar guerra à Áustria em nome da independência italiana, ele se tenha preocupado muito com os direitos da Itália? Ele fez esta guerra porque depois de ter abatido e humilhado a Rússia, precisava humilhar e abater a preponderância da Áustria; porque precisou de Nice e da Sabóia. E por que tentou, através do tratado de Zurique, salvar as coroas dos Duques da Toscana, de Parma, de Módena? Não falo do Papa e do Rei de Nápoles. O senhor imagina o que seria, hoje, esta bela Itália, se, depois da expedição magnífica de Garibaldi na Sicília e em Nápoles, Napoleão não o tivesse parado em sua marcha sobre Roma, e se não tivesse paralisado, através de sua influência perniciosa, o progresso de toda a nação italiana? E se ele não tivesse protegido, secretamente, tanto as intrigas do Príncipe Murat quanto as de Francisco II e do Papa no Reino de Nápoles, e se não tivesse obstinadamente apoiado e empurrado Vitor Emanuel contra o espírito novo que parecia querer rejuvenescer toda a nação italiana, e criar, por assim dizer, uma nova Itália? Sem ele, Vitor Emanuel nunca teria podido, nem ousado, resistir a este magnífico arroubo nacional. Mas, apoiado nele, a reação italiana, servindo-se sempre do discurso do patriotismo, e exigindo sempre do partido da ação que se suicidasse lentamente por patriotismo, a reação, e Vitor Emanuel no comando desta, conseguiram, afinal, dividir as forças nacionais até o ponto em que as anularam totalmente, e matar esta fé nacional na liberdade, a qual, se tivesse triunfado na península italiana, teria sem dúvida ganho a França. Ah! Que sorte o senhor tem, por estar longe o suficiente da França para que Napoleão III não tenha nenhum interesse de se meter em sua política interior!

Não duvido que a ambição e a difícil posição interior de Napoleão III o levem, dentro em breve, a uma nova guerra. É possível, até provável, que estoure na primavera, e até sob pretextos, que, pelo menos em parte, serão simpáticos para nós. Não é impossível também que ele a comece, conjuntamente com a Rússia, a qual, de todas as grandes potências da Europa, é a única que não tenha nenhum interesse que o impeça de se apossar das fronteiras renanas e da Bélgica. Tampouco é impossível que o senhor Bismarck, que ri do patriotismo e da ideia germânica, e que não pede mais do que engordar a Prússia, depenando a Alemanha, o que só pode ser feito com a permissão da França, não é impossível, pois, que ele dê a mão a uma tripla aliança entre a Prússia, a Rússia e a França. A Itália, não a nacional, mas a monarquista, a de Vitor Emanuel, também dará, sem sombra de dúvida, a mão a tal aliança. Do outro lado, haverá sem dúvida a Áustria, a Inglaterra. Mas a Suécia e toda a Escandinávia, qual partido tomarão? Não é verdade que o senhor estará num grande embaraço? E não diga que minha posição é absurda, impossível. Lembre que esta aliança tão perigosa para a liberdade e para o senhor era mais que um projeto, que era algo quase realizado, interrompida no fim do ano de 1860, e que só a insurreição polonesa a impediu. Mas o que está atrasado não está perdido; por que não se renovaria? O senhor não percebe a recrudescência visível de galanteios entre as cortes e as dinastias de Famílias reinantes da França, da Rússia e da Prússia? Não duvide que negociações bem reais, bem sérias e bem ameaçadoras estão acontecendo, neste exato momento, entre elas. Mas, suponhamos mesmo que não cheguem em lugar nenhum. Façamos a suposição mais ousada e mais favorável: que Napoleão, não encontrando apoio nem na Rússia, nem na Prússia, assim como não encontrou na Áustria, decida, afinal, aliar-se francamente à Inglaterra – e ainda seria preciso, para tal, o consentimento improvável dos Palmerston e dos Russel – à Suécia, à Dinamarca, à Itália, contra coalizão das três potências do Norte. Suponha que, forçado pelas circunstâncias, a recalcar sua antipatia profunda e muito fundamentada por todos os movimentos populares, ele insurja novamente a Polônia e faça um chamado revolucionário aos povos descontentes da Áustria – você está vendo que vou até o fim, e que lhe concedo tudo, inclusive coisas que me parecem completa e radicalmente impossíveis – pois bem, até mesmo neste caso, e mais do que nunca, sustentarei que nossa associação não deverá se deixar levar por Napoleão III, e que deverá, mais do que nunca, resguardar-se dele. Caro amigo, lembre-se bem que Napoleão só fez e só continuará fazendo a guerra porque, não querendo e não podendo dar a liberdade à França, ele deve ocupá-la de fora. Mas se o resultado destas guerras for a emancipação popular das nações, você acha que ele ganharia muito com isto? Será ao menos possível supor, nem que seja por um instante, que, tendo em torno de si todas as nações livres, a França possa permanecer em sua escravidão atual? Assim, o simples bom senso diz-lhe que, mesmo

que circunstâncias maiores e as necessidades prementes de uma situação que se torna, de ano em ano, mais difícil, forçassem Napoleão III a se apoiar no movimento ainda mais ou menos revolucionário das nações oprimidas, no interesse mesmo de sua própria conservação, ele empregará toda sua influência diabólica para falsear, paralisar, desmoralizar, o quanto puder, o espírito das nações, para matar no ato do nascimento sua independência e sua liberdade, e, principalmente, para sufocar em todo o continente da Europa esta democracia que ele vê, com muita razão, como sua mais cruel e perigosa inimiga. Como permitiríamos, então, aos nossos amigos, aliar-se com ele?

Quase todos os democratas na Europa, hoje em dia, desejam instintivamente o começo desta guerra geral que promete estourar a cada primavera e que nunca estoura. Eles desejam-na porque esperam que ela ponha fim à incerteza e ao mal-estar geral que pesam sobre a Europa, que fará francamente todas as perguntas e desenhará nitidamente todas as posições. Com Napoleão III, representante da causa das nações, não creio que a guerra, mesmo que geral, possa ter tão belos resultados, e receio muito que, longe de purificar a atmosfera política das mentiras que a tornam tão pesada, tão doentia para a respiração da humanidade, ele some ainda novas mentiras. Para gostar do ar livre e puro, é preciso ser um Washington ou um Garibaldi. Mas repare que Napoleão III não gosta nem um pouco da guerra geral⁶, ele sempre se esforçou a particularizá-la, sem nunca lhe permitir tomar o caráter perigoso de uma luta popular por um princípio popular, e cuidando em sempre conservar um caráter exclusivamente político. Só a guerra da Itália foi exceção, mas somente até certo ponto. Mas também, assustado e sentindo-se ultrapassado pelas paixões populares que ele tinha estimulado um momento, muito contra sua vontade, parou bruscamente em meio a seus triunfos, que o aterrorizaram mais que uma batalha ganha pelos austríacos teria aterrorizado. E dizem que jurou nunca mais cair nessa. O que Napoleão III gostaria é de uma boa guerra, não nacional, não popular, mas exclusivamente militar, com bons e fiéis aliados, com a certeza de poder esmagar seus adversários, os populares e os coroados, e poder remanejar à vontade o mapa da Europa. E não duvido que, se o deixassem fazer o que quer, ele a remanejaria o quanto pudesse, sem criar muito problema para si mesmo, cuidando em conformar-se a este princípio das nacionalidades que de maneira tão frequente e tão solene proclamou. Ele faria, sem dúvida, uma exceção para a França, mantendo Nice sem a querer e reclamando ainda da Itália, como prêmio por seus serviços, a

6 NT: Na versão francesa em que se baseia esta tradução, há diversos pontos do texto sublinhados, tanto palavras e expressões como, às vezes, parágrafos inteiros, às vezes mal formatados, sugerindo algum erro técnico na transcrição para o computador. Foram mantidas sublinhadas somente as palavras e expressões curtas que se considerou mais plausível estarem sublinhadas também no manuscrito original.

Sardenha. Pegaria todas as províncias alemãs até o Reno, a Bélgica e uma parte da Holanda, talvez, novamente até o Reno, com um simulacro de sufrágio universal, como ele sabe produzir. De resto, faria questão de ser o mais justo e liberal possível. Veria com prazer o Império da Áustria desabar, em seguida a Hungria. Daria um rei à Boêmia, e outro a Polônia. Ajudaria a Alemanha meridional a organizar-se contra a Prússia, e a Prússia, a engordar no norte. Enfim, ele teria todo interesse em secundar a formação de uma união escandinava, incluindo aí a Finlândia, sob o cetro das Bernadottes. Quantas razões, não é mesmo, para um escandinavo amar e seguir a política de Napoleão III?

Mas eis o lado perverso da coisa:

1º Tanto o princípio das nacionalidades de que Napoleão vai-se servir, quanto este outro princípio do sufrágio universal, serão mentiras, pois, para engordar a França, Napoleão pisoteará o primeiro e falsificará o segundo. “O que temos a ver com isto, vão responder-me muitos suecos, já que nos países escandinavos um e outro princípios serão religiosamente observados.”

2º Mesmo supondo que Napoleão III sirva, bem ou mal, o direito das nações à independência exterior, fiel ao espírito tradicional, dinástico, que o anima, no interesse, é claro, de sua própria conservação, e temendo, com toda razão, o contágio, pela França, da liberdade, ele vai-se valer – esteja certo disto – de toda sua preponderância para sufocá-la em toda Europa, e para estabelecer em todos os países o despotismo militar, mal escondido sob a aparência de uma representação constitucional de teatro, e de uma democracia falsificada. Pois então, caro amigo, tenho certeza de que ainda haverá muitos suecos, supostamente liberais, democratas, que responderão, novamente, a este argumento: “O que temos a ver, se o continente aceita o despotismo, o problema é dele, nós nunca o aceitaremos”. Já tive a ocasião, no início deste escrito, de dizer-lhe minha opinião acerca desta singular fatuidade sueca que se imagina, inocente, que, se a reação militar invade toda a Europa, a Suécia poderá, assim mesmo, conservar sua liberdade! Não voltarei mais, portanto, a esta questão. Mas tocarei em outra que é da maior importância. Desculpe, caro amigo, se insisto tão longamente neste ponto, mas, ao meu ver, e acho que ao seu também, é o ponto principal;

Trata-se de nada menos, nesta hora suprema em que todos os partidos, na Europa, se preparam, evidentemente, a uma luta definitiva de princípios – trata-se de saber se a Suécia, nesta luta, vai-se declarar a favor ou contra a liberdade?

Se a Suécia se deixar avassalar pela política de Napoleão III, se ela se deixar inspirar, dirigir, por ele, se abraçar sua causa, vai-se colocar, decididamente, como inimiga da democracia europeia, sem exceção nem mesmo da França – como inimiga decisiva da liberdade em toda a Europa. Pois, não se engane,

todos os partidários da liberdade e da democracia na Europa, em todos os países, sem uma só exceção: na França, na Inglaterra, na Bélgica, na Suíça, na Alemanha, na Itália, na Espanha, na Polónia, na Hungria – (Kossuth perdeu-se na opinião dos patriotas húngaros só por sua aliança com Napoleão) – todos são, hoje em dia, animados de um ódio unânime e irreconciliável contra Napoleão III, e todos veem os aliados, os amigos deste, como inimigos.

Vocês querem ser nossos inimigos ou nossos amigos? Vocês tem mais fé no futuro do despotismo que naquele da liberdade, e acreditam que, com Napoleão, vocês vão resolver melhor seus problemas do que conosco? Resumindo, querem que a Escandinávia tenha por berço a sujeição da Europa ou sua liberdade?

Talvez vocês queiram, ao mesmo tempo, ser amigos de Napoleão III e nossos. Mas isto é totalmente impossível. Nem ele, nem nós poderemos consentir com esta partilha, nunca. Vocês tem que se decidir entre nós.

Eis, de um lado, as vantagens que a amizade de Napoleão III lhes apresenta:

Se a Inglaterra consentir, se a Itália, reforçada por seus conselhos e com sua ajuda, e se os povos traídos por ele, mas novamente arrastados por promessas enganadoras, ainda consentirem em segui-lo, se a França ficar tranquila, e se ele triunfar com todas estas condições tão difíceis de se admitir, e que, para ele, serão ainda mais difíceis de reunir, se ele triunfar sobre a Coalizão das três potências do Norte, as quais tem, não podemos esquecer, dois milhões de tropas bem armadas, – só então ele os ajudará, efetivamente, a formar a união escandinava. Mas então ele vai-lhes dar, como vizinho, a Europa subjugada, e ainda por cima, no interior desta, um poder militar forte.

E agora, eis as vantagens contrárias:

A Inglaterra nunca consentirá, provavelmente, em aliar-se a ele. Os patriotas italianos, provavelmente, não permitirão que os adormeçam, nem que os reforcem o bastante, para não paralisar, nem que seja por inquietações interiores, a potência exterior, e, conseqüentemente, a eficácia da aliança do rei da Itália também. Os povos não vão permitir que Napoleão os engane, e este, não encontrando nenhum ponto de apoio no Continente da Europa, e não podendo, naturalmente, empreender o remanejamento do mapa da Europa só com a ajuda dos países escandinavos isolados, vai abandoná-los e virar-lhes as costas, após tê-los desonrado através de sua aliança, e vai jogar-se nos braços da Prússia e da Rússia, aos quais ele vai deixá-los, de pés e mãos atados, não depois⁷ de ter desmoralizado e paralisado, entre vocês,

7 NT: As duas últimas palavras criam uma contradição na frase. A oração em que se situam, parece ser, na verdade, afirmativa, e não negativa. Pode-se supor que o autor quisesse dizer “não sem”, ou então simplesmente pode-se ignorar a palavra “não”.

como ele faz em todo lugar, este espírito de liberdade que é a força real de vocês, e vocês sucumbirão, objeto da animosidade e do desprezo dos povos, com a vergonha de ter desertado, por um cálculo ao mesmo tempo desonesto e absurdo, a Santa causa da liberdade comum.

“Mas o que fazer? você vai me perguntar, a Suécia e a Dinamarca são fracos demais para resistir sozinhos à pressão da Rússia, de um lado, e da Prússia, de outro. Ela precisa de um aliado, e de um poderoso aliado – e só é possível escolher entre a França e a Inglaterra. Mas depois do que fizemos nos casos da Polônia, e principalmente da Dinamarca, não é mais possível contar com a Inglaterra. Estamos forçados, pois, *nolens volens*⁸, a contar com a França, por mais imperialista e despótica que seja.”

Concebo perfeitamente todas as dificuldades de sua posição, tão delicada quanto perigosa; admito até que, se a guerra geral ou mesmo parcial começar, por pouco que vocês sejam chamados a participar desta última, talvez vocês sejam forçados a colocar-se do lado da França, por mínimas que sejam as garantias e as vantagens que a aliança de Napoleão III lhes prometa, e por maiores que sejam os perigos e a desonra à qual ele poderia expô-los. Mas, mesmo se vocês forem forçados a aceitar esta aliança, não a aceitem, pelo menos, de coração, com paixão e com espírito. Saibam que vocês estarão tomando veneno, e que vocês devem munir-se, previamente, de um antídoto. Não deixem a ditadura militar estabelecer-se entre vocês e suspender suas liberdades durante todo o tempo da guerra. Aproveitem, ao contrário, aproveitem do embaraço do governo de vocês para desenvolver com mais ardor do que nunca e acelerar a propaganda e o triunfo da democracia em seu país. Não faça com que seu público acredite que Napoleão é o defensor da liberdade na Europa, nem que o partido democrático no continente acredite que a Suécia, forçada a aceitar a aliança de Napoleão III, abraçou seus princípios. Deixe seu governo, já que você não pode, nem deve impedi-lo, deixe-o aliar-se com o Imperador, mas você, alie-se conosco. Ajude-nos a criar, na Europa, a potência da democracia – a única potência, esteja convencido disto, que garantirá definitivamente a independência e a liberdade de todas as nações, sem exceção da sua. Resumindo, já que vocês podem ser forçados a aliar-se politicamente a Napoleão, esta deve ser uma razão a mais para vocês se aliarem conosco, de coração e de alma.

Para completar esta longa dissertação, acrescentarei ainda algumas palavras sobre o inconveniente principal de toda aliança entre os partidários da liberdade e os governos monárquicos estabelecidos, inimigos naturais desta liberdade. Raramente nossos amigos tiram daí as vantagens que esperam. Quanto às enormes desvantagens que devem sempre daí resultar, eles estão

8 NT: “Por bem ou por mal”.

sempre esclarecidos e certos. Uma aliança tal, temporária, provisória, é sempre um jogo do mais fino entre dois inimigos, no fundo, irreconciliáveis, dos quais cada um trata de explorar o outro, fazendo-lhe muitas promessas, mas tão poucas concessões reais quanto possível. Pois bem, podemos ter certeza que, nesta luta de mentirosos, é sempre o governo quem terá razão contra o homem liberal, pois cada governo estabelecido tem para si os imensos meios materiais e pessoais do Estado, toda a rotina secular e a ciência da mentira, todo o poderoso ascendente de uma potência estabelecida, reconhecida, respeitada, enquanto que o patriota só terá, para opor a tudo isto, a justiça moral de sua causa e a potência da verdade. E é precisamente esta grande e única força, que ele tem, que ele diminui, da qual ele abdica, ao se aliar, nem que seja por um momento, com os inimigos da liberdade. Não somente ele se desmoraliza a si próprio, mas desmoraliza seu partido, sua causa, deixando neles penetrar o veneno governamental, e vimos sempre que estas alianças bastardas nunca tiveram outro resultado além da dissolução dos partidos populares.

É por isto que resolvemos rejeitar do seio de nossa família revolucionária todos os homens, por mais distintos e sinceros que sejam, aliás, que tenham relações e compromissos diretos ou indiretos com qualquer governo estabelecido que for. Quando nós mesmos tivermos um governo central revolucionário estabelecido⁹, só ele terá o direito de formar com os governos reacionários os compromissos e as alianças que achar necessárias à causa da revolução – e ele as formará, sem dúvida, somente quando se sentir forte o bastante para não temer ser explorado e traído por eles.

Nós só podemos aceitar em nossa família homens que aceitem, não somente em teoria, platonicamente, por assim dizer, mas de coração, com vontade, com paixão, todo o nosso programa revolucionário, nestes pontos fundamentais, da forma que eu os expus longamente a você, e da forma como você os reverá numa curta exposição no final deste escrito. É preciso que o homem que nós chamamos de “irmão” compartilhe inteiramente nossa religião política e social¹⁰. De outra forma, nossa união com ele não poderia ser completa, e deveríamos separar-nos mais cedo ou mais tarde. É preciso que, mesmo reconhecendo as imensas dificuldades da realização, ele tenda, conosco, para todas as aspirações de sua alma, por todos os esforços de sua inteligência e por todos os atos de sua vontade, à mesma meta, ou seja: à realização de toda a liberdade, de toda a justiça e de toda a igualdade para cada um e para todos, sobre as ruínas de todas as organizações políticas e

9 NT: “un gouvernement central révolutionnaire”, no original.

10 NT: “notre religion politique et sociale”, referindo-se, é claro, à organização secreta de que se trata aqui, seus princípios, valores, objetivos, etc.

sociais atuais em todos os países de Europa. É preciso que ele deteste tanto quanto nós todas estas instituições igualmente baseadas na desigualdade e na injustiça, que ele deseje apaixonadamente sua destruição, que ele trabalhe para isto com inteligência e paixão, na medida de suas forças, de seus meios, das circunstâncias mais ou menos favoráveis, fazendo, a cada instante, somente o possível, evitando tornar-se ridículo por um zelo inconsiderado, ou comprometer nossa causa, e ao mesmo tempo seu próprio crédito, através de uma franqueza intempestiva e atos prematuros, mas nunca se deixando desesperar por nenhuma dificuldade, e nunca perdendo a fé na necessidade, e, conseqüentemente, também na possibilidade de nosso triunfo. É preciso que ele esteja convencido que, destruindo todas estas organizações de um passado já condenado pela justiça, mas lento demais para morrer, ele está criando e preparando o futuro da humanidade. E que este trabalho, em comum conosco, se torne a partir de então o maior interesse, a obra suprema de sua vida.

É preciso que pertença à Família¹¹ e ao trabalho revolucionário ainda mais do que pertence à sua pátria, e é preciso que esteja convencido de que não pode servir melhor sua pátria a não ser subordinando os interesses particulares desta ao interesse geral e supremo da Revolução no mundo.

É preciso que entenda que nosso programa, nosso objetivo, é mais que política, que é uma religião, que como toda religião, deve apoderar-se do homem por inteiro. É preciso que entenda que hoje, assim como no tempo da Reforma, só há na Europa dois campos, duas pátrias. Estas pátrias chamavam-se: Catolicismo e Reforma. Hoje elas chamam-se: Reação e Revolução. E, como esta última é a própria encarnação da justiça, da forma como somente a podemos conceber hoje, todas as vezes que os interesses aparentes e particulares da sua pátria – só podem ser particulares e aparentes – todas as vezes que as pretensões e os atos de seu próprio país forem contrários ao interesse supremo e ao espírito da Revolução, ele deve tomar o partido da Revolução contra seu próprio país. E deve estar certo de que, agindo assim, fará um ato do maior patriotismo. Pois uma nação só terá, em breve, outro direito de existência, de futuro e de duração, na medida em que realizar em si mesma a alma deste futuro, o pensamento da Revolução: a justiça. E malditas sejam as nações que procurarem noutra parte, a não ser na liberdade e na justiça, as bases de sua potência. Serão varridas pelo sopro da Revolução.

Aceitaremos indiferentemente os homens de todas as nações, desde que, à convicção e às disposições acima desenvolvidas, unam a inteligência, cultivada ou não cultivada, prática, acima de tudo, e capazes de apreciar justamente as situações e os homens – mas principalmente a nobreza e a sinceri-

11 NT: Ou seja, à organização secreta.

dade dos instintos, e principalmente a humanidade e a firmeza de caráter. Os homens de opinião mutante, os conversadores, os ambiciosos, os egoístas e os vaidosos devem ser absolutamente excluídos de nossa sociedade. Se um homem, através de sua inteligência, de seu caráter e dos serviços que prestou à sua pátria, se, até de nascimento e por sua fortuna, adquiriu importância e influência, e se, afora isto, apresentar todas as qualidades requeridas, muito bem, vamos recebê-lo com mais alegria ainda. Se ele for obscuro e totalmente desconhecido, vamos recebê-lo absolutamente da mesma forma que os outros. Se fosse camponês, operário, ficaríamos muito felizes, pois precisamos realmente de operários e camponeses. Precisamos de homens, antes de mais nada, da mesma religião que nós, irmãos nos quais, seja qual for o grau de sua potência, de sua fortuna e de sua importância, possamos nos apoiar, e com os quais possamos contar como se fôssemos nós mesmos. Receberemos indiferentemente os homens de todas as nações, porque, a partir do momento em que um homem nos deu a mão, ele pertence à nossa obra e à nossa família mais do que à sua própria pátria, colocando a humanidade, a justiça e a causa da liberdade acima de sua nacionalidade. Nós o aceitamos, primeiramente, como irmão, para fazer conosco, em comum, em seu próprio país ou fora dele, a obra dos irmãos. Nós o aceitaremos, em seguida, por causa de sua pátria, sobre a qual ele terá, naturalmente, mais influência que um estrangeiro, e será seu dever particular combinar sua ação principalmente em sua pátria, a fim de subordinar o andamento político, o quanto for possível, a um plano de ação geral, da forma que for decidido pela assembleia constituinte dos irmãos e dirigido, em sua execução, pelo Governo Central, que será eleito por esta mesma Constituinte.

Sabemos bem que os países da Europa não se encontram todos no mesmo grau de desenvolvimento intelectual, político e de preparação revolucionária, e a França, por exemplo, está mais avançada que a Suécia, que a Suécia está mais avançada que a Rússia, e que a Rússia é mais avançada que a Turquia. Entendemos, pois, muito bem, que, obedecendo à mesma direção central, e impelindo cada país em direção ao mesmo objetivo, será impossível fazer em cada país a mesma obra. Desta forma, o Governo Central pedirá a cada país somente o possível, mas todo o possível, e é precisamente para que todo o possível se faça que ele só poderá confiar a direção suprema da propaganda e da ação revolucionária nacionais em todos os países a nacionais¹² que sejam membros da família internacional, a irmãos internacionais que, enquanto tais, penetrados pelo mesmo pensamento, pela mesma paixão, pela mesma vontade que ele próprio, se pararem, não será nunca frente a um obstáculo interior, frente a um impedimento neles mesmos, mas somente

12 NT: A pessoas daquele país, que tenham sua nacionalidade.

frente a um obstáculo e um impedimento independentes de suas vontades e realmente existente em seu país.

Na cabeça de cada nação, ou de cada região, como, por exemplo, a Região Escandinava, haverá um Governo Nacional ou Regional, composto unicamente de irmãos pertencentes a tal nação ou tal região. Ele terá a dupla missão de organizar a propaganda e a sociedade secreta em seu país, e de nele executar, na medida do possível e parando somente frente ao impossível, as ordens do governo central em seu país, tendo sempre o cuidado de informar este último, o mais exatamente possível e com uma franqueza absoluta, sobre o estado real dos espíritos e das coisas em seu país. Se o Governo Central ordenar algo cuja execução lhe pareça impossível, ele relatará tal fato ao Conselho nacional, da mesma forma unicamente composto de irmãos, e que ele reunirá nesta ocasião, e, se este compartilhar a opinião do Governo nacional, este último enviará seu protesto ao Governo Central.

Queremos uma organização tal que a autonomia das nações seja tão bem defendida quanto a eficácia da ação central. É a condição *sine qua non* de nosso sucesso.

Os Irmãos, pois, reunidos ou dispersos no mundo, formam assim uma verdadeira família, a Família internacional revolucionária invisível, não reconhecendo outro objetivo no mundo senão o seu; outras leis e outra justiça afora as suas. Cada membro é-lhe tão precioso quanto um irmão natural, ou mais; todos serão solidários até à morte, todos respondendo por cada um e cada um por todos, e toda a Família defendendo, apoiando, protegendo cada um de seus membros até à última extremidade.

Todos os Irmãos internacionais têm direito a conhecer-se mutuamente, e têm sinais e palavras secretas através das quais podem reconhecer-se. Consequentemente, procurando novos irmãos, devemos prestar atenção à qualidade, não à quantidade. Exceto os segredos de prática governamental, segredos que serão tratados unicamente entre o Governo nacional e os governos Regionais ou nacionais, todos os irmãos devem saber de tudo. São, por assim dizer, os guardas consagrados do ideal e de todos os mistérios da nossa nova religião. Cobrindo toda a superfície da Europa como uma rede, não reconhecendo outra direção, nem outros comandos, afora aqueles que lhes vêm de seus governos Nacionais, impelirão toda a Europa em direção a uma única meta: o triunfo da Revolução.

Seu número nunca poderá nem deverá ser grande, e nunca passará, creio eu, mesmo na Europa inteira, de 200. A rigor 100 seriam suficientes. Pois, repito novamente, devemos olhar muito mais para a qualidade do que para a quantidade. Mas este número não seria suficiente para um tão grande objetivo. Para estabelecer na Europa uma potência revolucionária real, e para

dar-lhe meios financeiros, sem os quais nunca haverá nem governo nem ação real possível, são necessários não 200 adeptos, mas milhões e dezenas de milhões, em toda a Europa. Para atingir este objetivo, estabelecemos fora e sob a Família dos Irmãos internacionais um outro grau, sob o nome de Família dos Primos ou dos Irmãos nacionais: por exemplo, os Primos ou Irmãos Escandinavos, Franceses, Ingleses, Italianos, conhecendo-se somente entre eles, e não os Irmãos e os Primos dos países estrangeiros. Para isto, os primos ou irmãos nacionais de cada país ou de cada região terão sinais e palavras que serão particulares somente a tal país ou tal região. Vocês poderiam até, se acharem necessário, fazer sinais, palavras e regulamentos particulares para os irmãos escandinavos, e outros para os irmãos suecos, para os irmãos noruegueses, para os irmãos dinamarqueses.

Os irmãos nacionais ou regionais ignorarão sempre a existência de um grau superior sob o nome da Família internacional. Eles sabem apenas que existe, em algum lugar, um Governo Europeu Central, que lhes transmite suas ordens através do Governo regional ou nacional, cuja residência e cujos membros devem ignorar da mesma forma. Esta residência e pelo menos um destes membros devem ser conhecidos somente pelos Primos, com missão especial da parte do Governo nacional, ou seja, os melhores e os mais seguros, e que, na falta, e somente na falta de irmãos internacionais, formarão os governos Provinciais. Os irmãos internacionais só serão conhecidos pelos irmãos regionais ou nacionais, até mesmo por aqueles que forem honrados com uma missão especial, como irmãos regionais ou nacionais com missão especial.

O programa ou o Catecismo revolucionário de cada nação será o mais próximo possível do Catecismo dos irmãos internacionais, e será, naturalmente, adaptado ao caráter particular e ao grau de desenvolvimento de cada nação.

Porém, é mais do que desejável, é necessário que, nos Catecismos revolucionários de todas as nações se encontrem estes pontos fundamentais:

1º - Separação absoluta entre a Religião e a Política, entre a Igreja e o Estado – Abolição de qualquer Igreja de Estado – de qualquer subvenção do Estado ao culto que for – Liberdade absoluta para todas as religiões cristãs ou anticristãs – e que os gastos e a manutenção de todas as igrejas sejam pagos pelos próprios sectários¹³.

2º - Para o estado¹⁴ da república – e em todas as aplicações da vida política e social, o princípio da liberdade em lugar da autoridade – para o indivíduo

13 NT: No original, “sectaires”. Evidentemente, o autor referia-se aos fiéis de cada Igreja.

14 NT: Ou será “Estado”?

assim como para as unidades coletivas: associações, comunas, distritos, províncias e nações. Em todo lugar, o princípio liberal da Federação deve substituir o princípio despótico da Centralização.

3º - Abolição das classes e dos privilégios – Sufrágio universal. Tudo para o povo e tudo pelo povo – E, na medida em que possa ser explicada, progressivamente, em cada país, a necessidade de uma reorganização social, de uma mudança progressiva nas leis que regulam as condições do trabalho e do capital, do direito de herança e da propriedade – Necessidade, para todo o mundo, de trabalhar, e de só viver de seu próprio trabalho, sem explorar o trabalho de outros. Dignidade do trabalho, que deve-se instituir como base única de todos os direitos políticos e sociais – Importância da educação pública, esta ama de leite moral da democracia. Transformação das escolas – Instrução obrigatória e gratuita.

4º - Abolição do exército – Armamento nacional.

5º - Política exterior fundada na justiça e na liberdade – Condenação definitiva e absoluta dos ditos interesses de Estado – e da Razão de Estado, tanto na política interior como na política exterior – Condenação da política de engorda política, estratégica e comercial, do direito de conquista e do direito histórico. Princípio absoluto: cada nação, pequena ou grande, cada província, tem o direito absoluto de dispor de si mesma segundo suas simpatias, sua vontade e seus interesses, e sem nenhuma consideração pelas ditas necessidades de Estado, tanto do país de que ela fez parte até então, quanto do país dos outros países¹⁵.

6º - Solidariedade dos interesses e da liberdade de todos os povos e de todas as nações – Dever, para cada país, de apoiar, na medida de suas forças e de seus meios, qualquer outro país que combata por sua liberdade – O próprio interesse de cada país ordena isto, é claro.

7º - Enfim, necessidade de uma forte organização nacional, regional e Européia Central, primeiramente secreta, e depois, na medida do possível, pública, de todas as forças revolucionárias – para garantir e para acelerar o triunfo da liberdade em toda a Europa, e, através dela, em cada país – E, conseqüentemente, a absoluta necessidade de coletas de dinheiro para dar meios financeiros aos poderes nacionais, regionais e centrais.

Estes devem ser, para mim, os Princípios fundamentais de todo Catecismo nacional. Lembre-se que estes Catecismos serão feitos apenas para as Sociedades secretas, e que, no início, principalmente, você olhará, ao formar

15 NT: No original, "... du pays des autres pays", sendo que "pays" significa também "região", referindo-se neste caso a territórios menores que um país e sua respectiva paisagem e cultura. Pode-se supor que Bakunin se refere aqui a países que aglomeram diversas nações.

as Sociedades secretas regionais e nacionais, muito mais a qualidade do que a quantidade de seus membros.

Eu aconselharia aplicar à formação das sociedades secretas regionais e nacionais o sistema polonês das dezenas que eu vou explicar-lhe pessoalmente.

Eis aí, caro amigo, o que eu tinha para lhe falar. Você encontrará, nas páginas seguintes, o projeto de programa e de Catecismo, ou, se preferir, o Programa, o Catecismo e a Organização da forma como foram provisoriamente decididos pelos Irmãos fundadores, até que a primeira Constituinte decida definitivamente. Ainda não temos nem Governo nem nenhuma autoridade estabelecida, mas somente a direção provisória dos Irmãos fundadores, cuja única missão, agora, será reunir uma Constituinte, assim que a quantidade de irmãos atingir o número desejado.

Até lá nossa missão principal será procurar e criar Irmãos Internacionais, e, ao mesmo tempo, cada um em seu país, irmãos nacionais. Dada a necessidade e nosso pequeno número, estou encarregado de uma missão especial, com direito de conferir o título de irmão a quem eu achar necessário, sob minha responsabilidade pessoal. Se você nos der a mão, eu vou transferir-lhe este direito para todos os países Escandinavos.